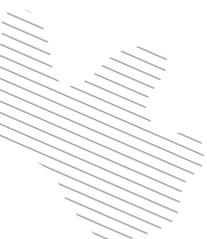


silva, mário augusto medeiros da. a descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no brasil (1960-2000) rio de janeiro, aeroplano, 2013

Maurício Silva*

Cada vez mais estuda-se, na academia e fora dela, a produção literária brasileira que tem ficado à margem da historiografia literária canônica, como a literatura afro-brasileira e a literatura periférica, atualmente uma das “vertentes” mais criativas e promissoras de nossa produção. O livro de Mário Augusto Medeiros da Silva – *A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)* –, escrito originalmente como uma tese de doutorado pela Unicamp, vem corroborar essa afirmação e preencher, com competência e acuidade, essa lacuna da historiografia e da crítica literárias brasileiras contemporâneas.

Assim, o autor começa discutindo a própria *ideia* de literatura negra e literatura marginal, termos que, já de início, apresentam certa dificuldade de conceituação.



* Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo; professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação na Universidade Nove de Julho. E-mail: maurisil@gmail.com.

De qualquer maneira, ele não busca, com esse livro, abordar o negro como personagem literária, mas o autor/narrador autorreferenciado negro e periférico, bem como sua visão social do mundo (na acepção de Lucien Goldmann). Trata-se de uma visão necessária, segundo Mário Augusto Silva, diante da tendência em se estudar a literatura negra brasileira preferencialmente sob o viés da sociologia e da história (o negro escravizado, por exemplo); ou em se estudá-lo com ênfase nos estereótipos de que é vítima (o negro como sujeito lascivo, maligno etc.).

Procurando resgatar a tradição de estudos da literatura negra brasileira no século XX, o autor remonta às abordagens de Roger Bastide, entre as décadas de 1940 e 1950 (recolhidas em *Estudos afro-brasileiros*, 1973), que inaugura um modelo de reflexão sobre o negro em nossa literatura (a questão do estereótipo sobre negros na produção literária, por exemplo), caminho que será, posteriormente, trilhado por Raymond Sayers (*O negro na literatura brasileira*, 1958), Gregory Rabassa (*O negro na ficção brasileira: meio século de história literária*, 1965) e Florestan Fernandes (prefácio do livro de Oswaldo de Camargo, de 1961, posteriormente publicado em *O negro no mundo dos brancos*). Mais tarde, outros autores dariam continuidade a essa tradição, como Teófilo de Queiroz Júnior (*Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*, 1971) e Clóvis Moura (*O preconceito de cor na literatura de cordel*, 1976). De maior fôlego, já na década seguinte, é o livro de David Brookshaw (*Raça & cor na literatura brasileira*, 1983).

Essa tendência analítica, pautada na busca de estereótipos do negro (personagem e escritor) na literatura brasileira, será seguida por outros pesquisadores, que partem de uma conceituação mais sofisticada da literatura negra, motivada pelo ativismo negro e preocupada com a reavaliação dessa literatura – é o caso, por exemplo, de Zilá Bernd (*Negritude e literatura na América Latina*, 1987 e

Introdução à literatura negra, 1988), que trabalha com a ideia de um eu-enunciador como elemento definidor do escritor negro. Outros autores (Miriam Ferrara, Miriam Garcia Guedes) e coletivos (Quilombhoje, Negrícia) vêm adensar essa reflexão, indo além da questão da autorreferencialidade. Além disso, outros espaços são abertos para essa discussão, como a revista *Estudos Afro-Asiáticos* (No. 2, Nos. 8-9), da Universidade Cândido Mendes; a publicação coletiva *Reflexões sobre a literatura afro-brasileira* (nascida do III Congresso de Cultura Negra das Américas, 1982), pelo Quilombhoje, em que começa a se articular um projeto estético e ideológico para a literatura negra; ou a publicação de *Criação crioula, nu elefante branco* (originária do I Encontro Nacional de Poetas e Ficcionalistas Negros, 1985).

Desse modo, qualquer que seja a perspectiva adotada por esses críticos, o que parece se destacar mesmo é a condição marginal dos escritores/narradores negros: “tanto imprensa, como literatura e teatro de negros brasileiros, desde seu surgimento e durante o século XX, devem ser observados, a meu ver, como *produções de caráter marginal*. Marginalidade compreendida como participação desigual e subalternizada no sistema social e literário, em sua forma *produtiva* (no que tange aos recursos), *distributiva* (enquanto acesso a um público) e de *consumo* (referente à recepção) dessas manifestações em seus respectivos sistemas culturais de atuação” (p. 79).

Tratando da literatura dos anos 1970 (Geração Mimeógrafo), o autor lembra que ela desconheceu absolutamente a poesia negra, embora essa poesia – juntamente com outros gêneros – tenha existido desde o começo do século XX (o autor apresenta uma extensa tabela com publicações da literatura negra nesse século), o que assinala, mesmo no projeto modernista, uma omissão da produção literária negra. Trata-se, assim, de uma marginalidade que, ao contrário daquela dos anos 1970, tem suas próprias características: “a

marginalidade literária da produção negra *não* é uma opção estilística formal, ato contracultural, estilo de vida ou expressão de vanguarda nesse momento. É a indissociabilidade de uma produção literária à situação de seu grupo cultural, a internalização dos fatores externos à obra” (p. 130). Contrariamente a esta tendência, os anos 1980-1990, afirma o autor, apresenta conjuntura mais favorável à visibilidade da literatura negra, seja por meio de edições específicas (como os *Cadernos Negros*), seja por meio de eventos específicos (como a *Mostra Internacional de São Paulo: Perfil da Literatura Negra*, 1985). Para o autor, a questão da marginalidade literária, sobretudo, dos anos 1990 passa pela questão sócio-histórica e espacial, além de ser marcada pela “indissociabilidade entre o vivido e o narrado” (p. 153). Assim, dos anos 70 para os 90, assiste-se à passagem do *tráfico de emoções* (Ronaldo Santos) para o *tráfico de informações* (Ferrez).

A literatura, nesse sentido, vincula-se ao processo de reivindicação sociopolítica dos movimentos negros, como foi o caso do Teatro Experimental do Negro (TEN), embora a historiografia literária brasileira parece não ter incorporado plenamente essa produção, o que, nas palavras do autor, constitui-se numa verdadeira *lacuna crítica*. Diante desse fato, o autor busca estudar alguns escritores – como Carolina Maria de Jesus, Paulo Lins e Ferrez; alguns periódicos – como o jornal *Versus* e os *Cadernos Negros*; e algumas personalidades – como Franz Fanon e sua influência no Brasil –, significativos desse universo.

Trata-se de uma leitura necessária – e, mais do que isso, prazerosa – acerca da atual produção literária brasileira fora dos limites estreitos da historiografia canônica.